

# UM CRIME E DUAS VERSÕES: CAMILO CASTELO BRANCO E O ASSASSINATO DE CLAUDINA GUIMARÃES

Amanda de Carvalho Ferreira<sup>1</sup>

## RESUMO

Apesar da vasta obra de Camilo Castelo Branco, da sua imensa variedade de personagens femininas e do fato de não ser aconselhável enquadrá-lo rigidamente em uma ou outra escola, estilo ou padrão, é sabido que o narrador camiliano constantemente se posiciona em favor dos “menos validos”, ou seja, de personagens que podiam ser consideradas vítimas na sociedade oitocentista, como as mulheres e os mais pobres, como ilustrado em *Mimese e moral* em Camilo Castelo Branco (2012). Posto isso, o presente trabalho pretende alcançar uma análise do *Livro de consolação* (1872), romance camiliano, e do livro historiográfico *Glória* (2002), do historiador português Vasco Pulido Valente. O *Livro de consolação* possui uma forma ficcional carregada de falseamentos por parte do narrador do que foi um acontecimento real ocorrido antes da publicação e abalou a opinião pública em Portugal: o assassinato de Claudina Guimarães por seu então esposo, político e grande amigo de Camilo Castelo Branco: José Cardoso Vieira de Castro. Na obra supracitada, o leitor se depara com um fato incomum no terreno camiliano, que vai de encontro com o costumeiro protagonismo feminino em suas narrativas e a defesa das escolhas tomadas por essas mulheres nos romances de Camilo: o narrador realiza, em alguma medida, a defesa de Venceslau Taveira, personagem que representa Vieira de Castro, como confirma Valente (2002), em detrimento de Júlia, personagem que representa Claudina Guimarães.

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco, Personagens femininas, Crime.

<sup>1</sup> Graduada em Letras, Mestra em Literatura Portuguesa e Doutoranda em Literatura Portuguesa pela da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com bolsa da CAPES - RJ, amandaspn21@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco nasceu em 16 de março de 1825, na Freguesia dos Mártires, Lisboa. O autor possui vastíssima obra, entre romances, novelas, peças de teatro, traduções e outros escritos. Dono de um estilo invulgar e de um modo muito peculiar de representar o indivíduo e a sociedade, Camilo escapa bastante às classificações em escolas e gerações literárias:

Apesar disso, o autor é frequentemente apresentado como pertencente à segunda geração do Romantismo português. Em relação ao seu singular manejo com a linguagem, Fialho de Almeida afirma em *Figuras de destaque*:

Outros como ele trabalharam a língua portuguesa e a souberam com intimidade igual, e exuberância parecida; mas nenhum lhe deu aquela alma indômita, transfiltrando-lhe a pompa, o brilho, a energia e a graça em que ele a amoeudou (ALMEIDA, 1923, p. 78)

Levando em tento esses pontos, é sempre necessário pontuar que a riqueza de sua obra acaba por se tornar um ingrediente que dificulta, por vezes, a análise. Com quase duzentas e sessenta obras publicadas em vida, a vastidão de conteúdo acaba por ser um elemento que nos impele a vê-la de forma não homogênea. Apesar disso, é sabido que em seus romances em específico, o narrador camiliano tende a ficar “do lado dos menos validos” (DAVID, 2012, p.81), que no século XIX eram as mulheres, os mais pobres e os excluídos da sociedade oitocentista.

Seguindo essa linha de pensamento, percebemos que muitas vezes o protagonismo de seus livros recai em personagens femininas. As mulheres são mesmo, muitas vezes, as que nomeiam os títulos de suas obras, como: *Carlota Ângela* e *O retrato de Ricardina e Maria Moisés*, por exemplo.

Apesar desse fato, em *Livro de Consolação*, temos uma obra que em muitos aspectos destoa do conjunto. O romance faz alusão a um famoso crime ocorrido em Lisboa, em maio de 1870: o assassinato de Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro por seu esposo, José Cardoso Vieira de Castro. Camilo então se utiliza de seu talento literário e de seu peculiar estilo de escrita, sobretudo do domínio que comprovadamente tinha de escrever sobre crimes, para abordar o caso do assassinato da esposa de seu melhor amigo: Vieira de Castro. Mas como Camilo transpõe para a ficção os dados da realidade? O narrador permanece do lado dos menos

validos neste romance? Qual a singularidade de *Livro de Consolação* perante a obra multifacetada de Camilo?

Para responder às perguntas acima, focaremos nossa discussão em três pontos cruciais: o primeiro tem como objetivo realizar uma síntese do feminicídio cometido por José Cardoso Vieira de Castro, com os seus desdobramentos na vida social, na imprensa e na literatura portuguesa, sobretudo através da intervenção de Camilo.

O segundo trata de situar o *Livro de Consolação* dentro do universo de obras de Camilo Castelo Branco, marcando as diferenças entre este e outros dois: *O retrato de Ricardina* e *Carlota Ângela*. Este capítulo pretende também mostrar a linha de base narrativa de Camilo, seus recursos e estratégias mais comuns nos romances, e, através da comparação, discutir até que ponto *Livro de Consolação* pode ser abordado e lido com ênfase no que o singulariza. Abordar o *Livro de Consolação* e seus detalhes, traçando as personagens, o tom do narrador, o estilo e as estratégias narrativas é o terceiro ponto.

Expor como esses recursos influenciam na construção do enredo, das personagens e na defesa, e até que ponto ela ocorre, de Venceslau Taveira, personagem ficcional que evoca Vieira de Castro, também figura entre os objetivos do trabalho, sobretudo na parte posterior do trabalho. O final dele ilustra, ainda, os pontos dentro da curva no *Livro de Consolação* em relação ao restante da obra camiliana. A sutileza e o estilo com que Camilo conduz esse romance, e aspectos comuns da obra do autor, como o imbricamento do bem com o mal, também são discutidos e destacados.

José Cardoso Vieira de Castro nasceu a 2 de janeiro de 1837, em Santo Idelfonso, Porto. Amigo dos grandes escritores de sua época, sobretudo de Camilo Castelo Branco, por quem nutria profunda afeição, foi um político de algum renome e um escritor de menor fama. Sua vida foi desde sempre tomada pela busca pela glória, quase sempre por meio de escândalos e eventos movimentados.

Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro, jovem de 21 anos, vivia em aparente harmonia com seu esposo, sem perceptíveis conflitos. Porém, na noite de 10 de maio de 1870, essa imagem caiu por terra; o “marido amantíssimo” assassina a esposa enquanto ela dormia. Por essa razão, o choque da notícia foi ainda maior em Portugal. Vieira de Castro era conhecido e admirado, e sua esposa vista como doce e cordial. Em *Glória*, livro escrito pelo historiador português Vasco Pulido Valente,

temos a todo momento a apresentação dessa imagem passada para a população da época:

José Cardoso Vieira de Castro, 31 anos, um homem de inteligência superior, ornamento da tribuna, campeão de todas as ideias grandes e generosas e advogado austero da inviolabilidade da vida, que tantas e tantas vezes abraçara a glória; e Claudina, 21 anos, uma senhora jovem, formosíssima e bem-educada. Ninguém que os vira nos passeios, nos bailes e nos teatros, imaginaria que se aborreciam em comum, como na velhice. Quem os visse, julgaria que eram recém-casados. (VALENTE, 2002, p.29)

Para que se entre na ficção e seja compreensível para o leitor atual a correspondência entre o enredo de *Livro de Consolação* e o caso Vieira de Castro, é preciso que se faça uma síntese do que foi esse acontecimento e de quais foram seus impactos na sociedade portuguesa oitocentista, além de como participaram os principais intelectuais da época e a imprensa nesse evento que movimentou o país.

Valente inicia seu livro afirmando: “Este é um livro de história. Não é um livro de história a fingir de romance, nem um romance <<documental>>”. Compreende-se, desta maneira, que a obra traz informações relevantes sobre a vida de José Cardoso Vieira de Castro, e sobre o assassinato de sua esposa, a jovem Claudina Guimarães. Em *Glória* são levantados dados históricos e criminais sobre o acontecimento com o objetivo de recontar essa história. O autor apura a fundo fatos e detalhes sobre o incidente, recorrendo mesmo aos autos do julgamento. Por essa razão, vamos acompanhar a sua obra para mapear o caso.

Vieira de Castro, no dia 7 de maio de 1870, flagra Claudina escrevendo uma epístola destinada a José Maria de Almeida Garrett, sobrinho do famoso escritor de Viagens na minha terra. O marido lê a carta e simula o perdão da suposta traição para a esposa, deixando-a desprevenida quanto ao crime posterior.

Apesar disso, tal atitude fazia parte do plano de vingança de Vieira de Castro contra Claudina. Entre 4 e 5 da madrugada do dia 9 de maio de 1870, o homem entrou em seu quarto com o clorofórmio, segundo ele, imaginando que a substância mataria sua esposa instantaneamente. Ao colocar o frasco destampado no nariz de Claudina, a mulher se assustou e fugiu. É aí que então, segundo a versão do político, ele a sufoca com roupas e vaza-lhe o clorofórmio no nariz, à custa de muito esforço, e

mantendo ainda a compressão por bastante tempo. O relatório da autópsia, no entanto, narra diversas lesões e hematomas na jovem Claudina.

É de se concluir que tamanhas lesões não foram provocadas pelo simples inalar de clorofórmio e o sufocamento com roupas. Como assinala perfeitamente Vasco Pulido Valente, “Claudina morreu da pancada que levou”.

Logo após o crime, Valente traça os fatos que se sucederam: a certeza da impunidade, o fechar de olhos de muitos intelectuais diante do ocorrido e a cobertura dos jornais acerca do incidente.

O resultado do julgamento, entretanto, é de condenação: José Cardoso Vieira de Castro passaria dez anos de degredo em Angola, além de ter de pagar às custas do processo. Tem-se abaixo a sentença:

Vista a decisão do júri, fica provado que o R José Cardoso Vieira de Castro cometeu o crime de homicídio voluntário, de que é acusado neste processo, com a circunstância agravante de premeditação, e com as circunstâncias agravantes constantes das respostas do júri.

Visto o artigo 349. do código penal, que diz: <<Qualquer pessoa que voluntariamente matar outra, será punida com trabalhos públicos por toda a vida>>Visto que esta penalidade, segundo o artigo 350, ainda é agravada pela circunstância especial de premeditação;

Atendendo por outro lado a que o júri deu como provadas muitas circunstâncias atenuantes, como consta das vossas respostas, e a que entre estas circunstâncias há as dos quesitos 12 e 13, que são tão importantes, que em dadas hipóteses, chegam até a isentar de toda a penalidade, segundo os artigos 14 e 372 do citado código;

E vista a carta de lei de 1 de julho de 1867, artigo 8, único, condeno o referido R. na pena de dez anos de degredo para as possessões de África de primeira classe; e por a hipótese de execução da citada carta de lei, na pena de cinco anos de prisão maior celular.

E mais o condeno nos selos e custas do processo. Lisboa, 30 de novembro de 1870. João Rodrigues da Cunha Aragão Mascarenhas. (AUTOS DO JULGAMENTO, 1870, p.147-148)

Partamos agora para o segundo ponto mencionado no começo do trabalho: a demonstração das diferenças entre o Livro de Consolação e o universo de obras de Camilo, utilizando como exemplo para tal *O retrato de Ricardina* e *Carlota Ângela*.

Um consenso que se tem quanto às narrativas de Camilo é o de que frequentemente a figura do autor se funde com a do narrador camiliano. Como já brevemente mencionado no capítulo anterior, Camilo toma posições diante de conflitos traçados no decorrer das narrativas. Essas posições, como é sabido, são mormente em favor das mulheres e dos mais pobres. É para essa quase fusão entre narrador e autor, além da identificação com os perseguidos, que João Bigotte Chorão aponta em *O essencial sobre Camilo*:

Se, como escreve Jean Guittou nas suas Memórias, <<l'oeuvre ne se sépare pas de la personne qui s' exprime en elle>>, então no caso de Camilo, de personalidade tão forte, tal separação é impensável. Ele está presente, omnipresente na sua obra, como se víssemos o seu rosto e ouvíssemos a sua voz. Não se apaga mas intervém, não raro abusivamente, ao mesmo tempo autor e narrador, protagonista e deuteragonista, testemunha e comparsa. Muitas das melhores páginas camilianas, ainda na ficção, são páginas autobiográficas, como se não conseguisse nunca desprender-se da sua pele. Interrompe a narrativa, divaga, interpela o leitor, num diálogo que é uma forma de cumplicidade. Os leitores são os seus melhores aliados – aqueles que testemunham sempre em favor dele. A impassibilidade narrativa, a objectividade histórica, a neutralidade intelectual, Camilo ignora-as. Ele constitui-se parte, é parcial, passional, provocatório, chamando sobre si a atenção, grande ator ou personagem do seu próprio drama. É ele e as personagens com quem se identifica, perseguidos pelo fado ou pela má estrela, solitários em vida, sozinhos, tremendamente sozinhos na morte. (CHORÃO, 1996, p. 58)

O enredo e desdobramentos presentes em *O retrato de Ricardina* são assim resumidos por Jacinto do Prado Coelho:

O ano de 1868 trouxe mais duas novelas camilianas: *O retrato de Ricardina* e *O sangue*. A primeira apresenta-nos um padre sensual e despótico, o abade de Espinho, que quer casar as duas filhas com quem bem lhe parece. Eugénia, <<morena, olhos negros e vivos, alta e nervosa, ativa e risonha >>, obedece à vontade paterna; **Ricardina** (quem tal diria perante o seu retrato físico?), <<alva, olhos cismadores e estáticos, compleição linfática, estatura mediana, ar melancólico e pudico>>, **é exactamente a que se revolta e dá provas de uma energia inquebrantável na defesa do seu amor**. Bernardo Moniz, o

rapaz que ela ama, é rico mas de origem plebeia; como estudante de Coimbra, pertence à sociedade secreta dos *divodis*, e é indigitado como um dos treze rapazes que devem assassinar dois lentes, quando estes, em 1828, se dirigem para Lisboa a cumprimentar D. Miguel. O plano cumpre-se (Camilo descreve o lance com excepcional vigor) e Bernardo, perseguido pela justiça, é auxiliado na fuga por Norberto Calvo, criado do abade e muito afeiçoado a Ricardina. Quando os dois amantes se preparam para fugir para Espanha, os criados do abade assaltam e incendiam a casa dos Monizes; Bernardo, que foge para Espanha, é dado como morto, e Ricardina, já grávida, entra num convento em Lisboa. Muitos anos depois (já o filho de Ricardina é redactor dum jornal), Bernardo volta a Portugal, sob o nome de Paulo de Campos. Na parte final da novela, Camilo forja nada menos que dois <<reconhecimentos>> sensacionais: Ricardina descobre a filha de Eugénia, Matilde, com quem o filho de Ricardina virá a casar; por meio dum anúncio, este relaciona-se com Paulo de Campos, em quem reconhece por fim o próprio pai. Grande alegria, e Bernardo e Ricardina casam também. (COELHO, 1983, p. 45-46, grifo nosso)

Uma das marcas presentes nesse romance é a tomada de posição do narrador, expressa de diferentes formas, e até em algumas sutilezas inseridas na narrativa. O retrato físico das personagens, quando feito por Camilo, possivelmente é uma das peças que compõem o seu jogo literário. Vejamos na seguinte passagem do início de *O retrato de Ricardina*:

Luís pedia a primeira que era morena, olhos negros e vivos, alta e nervosa, altiva e risonha. Carlos pedia a segunda, que era alva, olhos cismadores e estáticos, compleição linfática, estatura mediana, ar melancólico e pudico, um certo quebranto que a poetas daria mais inspirações que a outra. (CASTELO BRANCO, 1971, p. 12)

Na construção do retrato físico da personagem, entrevemos o início da tomada de posição do narrador. Ricardina, a que “daria mais inspirações que a outra”, a de pele muito alva e altura mediana, a que tinha um ar melancólico que prenunciaria a melancolia das dificuldades de sua narrativa pessoal, ao contrário da irmã, Eugénia, que não entende muito bem os dramas e a força da irmã. Ricardina é a figura que inspiraria poetas, com sua beleza melancólica, enquanto Eugénia é mais prosaica. A irmã da protagonista se alegra ao receber a notícia de que casaria com um de seus primos, pois gostava do rapaz, e imagina que o drama passado por

Ricardina pode ter um final feliz se a mesma aceitar o casamento imposto com o homem que não era objeto de seu amor.

Temos a clássica adjetivação: “anjo”: “Ricardina era a mais doce alma que os anjos compuseram da graça e formosura do céu. Tinha ela 13 anos quando saiu com o seguinte lance de extremada bondade” (CASTELO BRANCO, 1971, p.18) ”

Depois de chamá-la de “anjo” fazedor de um “lance de extremada bondade”, Camilo regressa alguns anos à infância de Ricardina e narra a história em que a menina ajuda a mãe de Norberto Calvo a não ser despejada de casa, por dever a credores. Ricardina rouba dinheiro do quarto de seus pais e entrega a Norberto, atitude que ainda que não incentivada por sua mãe, é aliviada pelo próprio abade, que reconhece a nobreza do ato da menina. O misto de bondade angelical e astúcia começam a ser atribuídos a Ricardina desde esse momento, tanto pelo discurso direto do narrador, como já exposto, quanto pelo diálogo com os outros personagens, como se confere no trecho abaixo:

– Estou pasmada! – disse a senhora. – Então tu vens à gaveta de teu pai e dás três peças!...

– Se o pai cá estivesse, também lhas dava... – replicou Ricardina.

– Mas o pai dá o que quer, e tu fizeste uma acção muito feia...

– Deixa a pequena – atalhou o padre. – Se a acção foi feia, o resultado é bonito. Não me tornes à gaveta sem minha ordem, Ricardina. (CASTELO BRANCO, 1971, p. 20)

Dessa maneira, fica evidente de que lado se posiciona Camilo desde as páginas iniciais de *O Retrato de Ricardina*. Jacinto do Prado Coelho, em *Introdução ao estudo da novela camiliana*, discorre um pouco mais sobre essa peculiaridade de Camilo:

É o narrador-autor quem está sempre vigilante, atento às relações entre a diegese, dum lado, e o leitor, do outro, e umas vezes se dirige a um hipotético leitor, não personagem, entretanto, de se ir dando a conhecer nos seus modos de pensar e de sentir, nas suas recordações e pontos de referência culturais. (COELHO, 1983, vol. II,p.236)

No momento em que os pais de Carlota e esse tio conversam sobre a tal descoberta, há uma clara afirmação, por parte do irmão de sua mãe, de que a menina, em sua concepção, era bastante hábil e sagaz para a sua



idade, quase conseguindo o feito de enganá-lo no auge dos seus 55 anos de idade.

Um dia do ano passado, estávamos nós não Candal, e passeava eu e ela sozinhos na estrada. Dizia-me a pequena que tinha lido umas novelas de cavalarias, de que gostara muito, posto que não acreditasse nas histórias. Contou-me algumas passagens de *Paulo e Virgínia* e de *Menandro Laurentina ou os amantes extremosos*, que vós não sabeis o que é, mas lembrados estareis de que me perguntardes se eram livros de boa moral. Notei que a moça, quando me falava do amor das damas e cavalheiros, empregava mais vivacidade do que convinha a uma menina inocente de sentimentos amorosos. Fiz-lhe algumas perguntas com intenção de a surpreender; mas ela jogava comigo tão habilmente, que venceria a partida, se eu não tivesse cinquenta e cinco anos, e não tirasse da hábil escápula o mesmo que tiraria, se ela se deixasse apanhar. (CASTELO BRANCO, 58, p. 12-13)

O narrador inicialmente por meio das falas do tio de Carlota, continua a caracterizar a menina como de uma esperteza e astúcia únicas. O planejamento de ações, feitas como medida de segurança, caso os seus pais se opusessem ao seu casamento com Salter de Mendonça, chama a atenção logo no capítulo inicial:

[...] Calei-me, porque receava muito que alguma imprudência vossa irritasse o amor de Carlota. Calei-me, esperando que Mendonça fosse chamado a Lisboa, e nos deixasse com o campo livre para despersuadirmos Carlota. Ainda assim, fiz tenção de vos avisar, logo que julgasse necessário tomar medidas prontas. Eu sei que o rapaz tenciona vir pedir-vos Carlota, e sei também que em poder de um meu colega está um requerimento dela para ser tirada por justiça no caso de que negueis o vosso consentimento. (CASTELO BRANCO, 1958, p. 15-16)

Com esse diálogo, Camilo encerra o primeiro capítulo de *Carlota Ângela*. Apenas com essas poucas páginas de leitura, o leitor já começa a entender como se posiciona o narrador: do lado de Carlota, a personagem menos válida da história. Uma mulher jovem, que entra em embate com sua família, que se opõe à sua união com o militar Francisco Salter de Mendonça.

Um dos fortes da narrativa camiliana é o diálogo. Trata-se de um muito eficaz instrumento para demonstrar qual o posicionamento do autor-narrador acerca dos personagens, principalmente quando avança entremeando à conversa as conhecidas observações irônicas e/ou mordazes. No diálogo entre Francisco, Norberto e Carlota, o leitor se diverte com as caracterizações dos personagens intercaladas com os comentários auxiliares do narrador:

– Que há de fazer o pai? – disse Carlota com altivez. – O pai não pode fazer nada.

– Que dizes tu, Carlota?! – trovejou Norberto.

– Digo que não há forças humanas que me privem de casar com este senhor. O pai governa no seu dinheiro e, nós nada lhe pedimos. O Sr. Mendonça, se quisesse ser menos generoso com meu pai, estaria já casado comigo, porque eu o autorizei a tirar-me de casa por justiça.

Norberto, como todas as índoles abjetas, caíra no miserável de sua atonia, sob a fulminante coragem de Carlota. Francisco Salter aproximou-se dela, tomou-lhe a mão, como se estivessem a sós, e murmurou:

– A virtude, que Carlota chamou generosidade, continua. Vou a Lisboa, porque sou militar e transgriro a honra e o dever não me apresentando. Mendonça despediu-se de Carlota Ângela, que chorava, e de Norberto de Meireles, que limpava com o canhão da japona de cotim o suor da brunida testa. (CASTELO BRANCO, 1958, p. 44)

Primeiramente, o que se observa é o comentário do narrador que aparece depois do enfrentamento de Carlota com o seu pai. Camilo chama tal feito de “altivez”. A menina continua desafiando o seu pai, e diz claramente que já havia autorizado ser retirada de casa por justiça. Ricardina, em lugar de Carlota, provavelmente não teria essa atitude, pois as duas, apesar de inteligentes e perspicazes, traçam diferentes estratégias de sobrevivência.

No início deste artigo, sublinhamos o fato de Camilo se fundir com o narrador, e, dessa maneira, fazer sua conhecida e frequente defesa das personagens menos validas, em especial das mulheres.

Quando se fala sobre o *Livro de Consolação*, no entanto, vemos que esse mote se perde um pouco. Segundo Alexandre Cabral, em *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, a particularidade desta obra estaria no fato de ela ter sido expressamente escrita para se defender Vieira de Castro da opinião pública.

A particularidade desta novela camiliana reside no fato de ter sido escrita expressamente, ao que se diz, para defender José Cardoso Vieira de Castro e exercer pressão sobre o tribunal que o iria julgar por assassinio <<premeditado>> da esposa, culpada de adultério (CABRAL, 1988, p. 361)

Ao nos aprofundarmos no *Livro de Consolação* é perceptível a diferença de atitudes do narrador camiliano em relação a outros de seus livros; ele aparece consideravelmente mais vezes nessa obra, comentando mais sobre as cenas e sobre os próprios personagens. É verdade que muitas das vezes ele está fazendo uma defesa do personagem Venceslau Taveira, porém, ao se olhar com mais cautela, o que se pode assimilar é que o mais claro posicionamento desse autor está na consolação. Trata-se, de forma mais resumida, de uma consolação aos que são impelidos por uma força interior à desgraça.

O eixo principal do romance se passa nas relações entre Venceslau Taveira (ficcionalização de Vieira de Castro), Eduardo (seu melhor amigo), Ana Vaz (esposa de Eduardo) e Júlia (ficcionalização de Claudina). É possível notar, logo no começo da narrativa, a exaltação de Vieira de Castro. Para isso, o narrador camiliano se utiliza de diferentes recursos: discurso direto do narrador, opinião de outras personagens dadas em diálogos, atitudes e até caracterização física do quarteto. O fato de Venceslau ser um personagem “virtuoso”, por exemplo, aparece logo na primeira fala de Júlia diante do homem, além de inúmeras outras vezes ao longo de *Livro de Consolação*.

Depois, disse ela que o seu malogrado noivo lhe contava em cartas as virtudes do seu amigo Venceslau Taveira, e os impagáveis carinhos de irmão com que ele tentava suavizar-lhe os espinhos da saudade, alentando-lhe com esperanças o ânimo quebrantado. (CASTELO BRANCO, 1945, p. 60)

Além disso, outro traço muito marcado no romance é o de Venceslau como inexperiente no amor e em cartas românticas, algo que, ao analisarmos a vida do homem ao qual o personagem de Venceslau fora inspirado, Vieira de Castro, vemos que não procedia. O homem era um galanteador que, inclusive, se envolveu até com uma prostituta, como vimos em *Glória*. Estas caracterizações ficam a cargo da liberdade de ficcionalização e criação do romance, que é usada para dar uma imagem afável a Taveira, e conseqüentemente, associassem isso Vieira de Castro.

Dona Julia, ao contrário, é retratada como uma mulher mimada, varonil e pouco atraente. A moça sofre tremendo assédio de Eduardo, casado com sua melhor amiga Ana Vaz, e, para tentar fugir do homem, propõe um casamento entre ela e Venceslau. O narrador camiliano prontamente ressalta a pouca beleza de Julia, sua idade considerada levemente avançada e a mostra como soberba por causa dessa proposta. Sem dúvidas uma postura bem diversa da que o leitor estava acostumado a ver nos romances camilianos.

Demais disso, o reverso da ideia irrefletida não oferece contraste com a desdoira, sendo parte nela a vaidade, por não dizer soberba? Dispor de antemão da condescendência de Venceslau, era fiar talvez demais no imã dos seus quinhentos mil cruzados, ou iludir-se muito com a já desluzida beleza dos seus vinte e nove anos. (CASTELO BRANCO, 1945, p.162)

Além das inúmeras exaltações de Venceslau e das repreensões feitas acerca de Julia, estratégias de Camilo para compor o romance baseado na história de seu grande amigo Vieira de Castro, o final de *Livro de Consolação* também diverge do crime real. Ao perceber Júlia cedendo aos assédios de Eduardo mesmo depois de casada (ao contrário de Claudina, Júlia traiu, de fato), Venceslau Taveira decide assassinar seu amigo Eduardo e, nobremente, poupar a vida da mãe de seus filhos, como expõe o narrador. “- Não se aterre, senhora!- disse serenamente Venceslau, - olhe que não morre... Essas crianças não têm pai... É preciso que tenham mãe. (CASTELO BRANCO, 1945, p.232)”

Apesar das constatações supracitadas, ao final da pesquisa chegamos também a outra conclusão: há também um ponto dentro da curva do *Livro de Consolação* perante toda a obra de Camilo: a constatação de que até o mais honrado dos homens é capaz de cometer um ato indigno. É por isso que o livro não consola ninguém, pelo contrário. Ele nos desconsola, assim como desconsolou Vieira de Castro.

Valente diz em outro trecho que o assassino não pensara sobriamente sobre sua situação política, apenas almejava reconhecimento e aclamação. Essa impulsividade na política e na busca do poder se contrapõem ao calculismo e frieza na premeditação do assassinato de Claudina Guimarães.

Quanto a ele, Vieira de Castro, custa a acreditar que avaliasse sobriamente a situação. Nos momentos essenciais, sempre <<ganhara>> e <<subira>> pelo escândalo. O

escândalo que o seu assalto a Loulé provocou em S. Bento e no país letrado não fugia ao seu estilo, nem ao seu destino. Não parou seguramente um segundo para calcular as consequências. Só pensava na glória, medida pelo aplauso público, não lhe faltava. (VALENTE, 2002, p. 174)

A ambiguidade da essência humana aparece também em Venceslau, de *Livro de consolação*, sua representação no romance. A construção desse personagem é feita majoritariamente de bons adjetivos, admiração alheia e atitudes de extrema honradez. Mesmo assim ele comete um ato indigno: o assassinato de seu amigo Eduardo. Camilo ilustra essa polivalência do ser humano, em que todos têm dentro de si luzes e trevas, e que só dependemos do estopim certo para que um ou outro se sobressaia, fato que teria ocorrido tanto com Vieira de Castro, ao assassinar Claudina, quanto com Venceslau Taveira, ao ceifar a vida de seu melhor amigo.

## REFERÊNCIAS

CASTELO BRANCO, Camilo. **Carlota Ângela**. São Paulo: Editora Saraiva, 1958.

CASTELO BRANCO, Camilo. **O retrato de Ricardina**. Sintra: Editora Publicações Europa-América, 1971.

CASTELO BRANCO, Camilo. **Livro de Consolação**. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1945.

CHORÃO, João Bigotte. **O essencial sobre Camilo**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

COELHO, Jacinto do Prado. **Introdução ao estudo da novela camiliana**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. 2 v.

DAVID, Sérgio Nazar. Mimese e moral em Camilo Castelo Branco. In: **Colóquio Letras**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2012. p. 77-87.

VALENTE, Vasco Pulido. **Glória**. 3. ed. Lisboa: Gótica, 2002.

Processo e julgamento de José Cardoso Vieira de Castro no tribunal do 2.º Districto criminal de Lisboa: **pela acusação do crime de homicídio voluntário na pessoa de sua mulher, D. Claudina Adelaide Guimarães Vieira de Castro**, 1870. Disponível em: <<https://archive.org/details/processosejulgamen00castuoft/Page/26>>. Acesso em: 01 de novembro de 2021.